



**ATO DE AMOR  
PELA PALAVRA**

**Luciana Brandão Carreira**

## Imagens | José Fernandes

(detalhe: Circuito, 2011, mista s/ papel)

Polichinello

Inveja, ciúme, raiva e cólera: uma pequena série de afetos agressivos, deslanchados da paixão violenta, cujo laço comum é o ódio. Um ódio constituinte.

Trata-se de uma violência distinta da animal, porque despropositual e desregrada. Sem objeto ou porquê, esse ódio constituinte pode se cristalizar. Vira ódio constituído, moldando o laço que se estabelece a partir dos elementos da série acima.

Certa vez Freud declarou que "na relação com os objetos o ódio é mais antigo que o amor", enfatizando que amor e ódio "não têm entre si uma relação simples; não surgiram na mesma origem, nem estão no mesmo lugar e seguem caminhos distintos".

Entretanto, não nos deixemos enganar com a falácia de uma perspectiva evolutiva a qual uma leitura rasteira dessa frase pode levar, como se essa anterioridade, do ódio em relação ao amor, cumprisse uma fase inerente a um desenvolvimento. O eco desse evolucionismo psicológico redundava num outro, o teológico. Ambos normativos, porque situam a anterioridade do ódio próximo do animal que nos habita, a nós humanos, enquanto que o amor eleva e aponta ao mais sublime, àquilo que nos aproxima de Deus.

Outro engano é acreditar que amor e ódio seriam as faces opostas de uma mesma moeda, como prega aos sete ventos a vertente psicológica que os reúne numa única balança, a fim de que o ódio, quando preponderante, em algum momento seja neutralizado pelo amor. Freud, por seu turno, não esmaece a potência demoníaca dessas duas paixões. E tampouco recua e as harmoniza. Ainda que exista, em cada um de nós, uma face demoníaca coabitando com uma outra, a divina, existe também uma temporalidade lógica que os situa em pontos distintos quando cada um desses afetos irrompem. Na zona originária do 'eu', o ódio tem a primazia porque é preciso que dessa matriz original algo escape, que algo seja expulso da redoma que aliena e amarra a mãe ao seu bebê. É nesse lugar, onde algo se extraiu, que a diferença viceja, para que somente assim o 'eu' conquiste alguma unidade, ainda que precária. Nesse momento mítico de constituição de si, emerge o ódio para que uma separação ocorra. Afinal, se no amor há sempre uma parcela de fusão e ambigüidade, no ódio a diferença enquanto tal escancara-se sem subterfúgios. Distintos e separados um do outro, nos vínculos que estabelecemos com as pessoas, eis que assim é possível dizer quem é quem, a cada vez que em

nossas vidas cotidianas se atualiza esse tempo originário de uma promessa de unidade.

Para situar essa temporalidade, Jacques Lacan inventou um neologismo: o significante *hainamouration*, junção das palavras francesas *haine* (raiva) e *amour* (amor). Neologismo que se oferece a nos mostrar que ódio/amor não se misturam - embora se retorçam um no outro, por meio de um giro que se estabelece no tempo, virando (literalmente) o jogo no campo dos afetos. Um giro que tem como suporte a palavra. Ou, dito de um jeito melhor: um giro que tem como suporte ***o ato de amor pela palavra***. Um amor pela palavra capaz de provocar uma rota/ação no discurso, enquanto força de resistência frente ao que apenas destrói.

O ódio segrega. O amor une. Diante deles, a psicanálise se posiciona recusando uma teoria universal entre o bem e o mal, abraçando a diferença de cada qual, atenta a essa zona de violência fundante e necessária.

Mas se essa zona violenta é fundante - e se, ainda, uma torção aí se estabelece na medida que uma determinada temporalidade assim o exige -, por quais meios podemos situar o lugar do poético? E, também, o ato do poeta?

Essa pergunta, que pode soar banal e até mesmo ingênua, leva-me imediatamente a dois de nós: ao brasileiro Vinicius de Moraes e ao argentino Juan Gelman. Ainda que salvaguardemos as diferenças entre o que se passou na Argentina e no Brasil, a eles recorro na tentativa de também falar de uma torção que se estabelece na temporalidade de uma cultura, na iminência de um tempo novo, uma vez que as respectivas obras se situam em duas ditaduras historicamente determinadas.

A fim de desenvolver o meu argumento contarei um episódio ocorrido no dia 16 de novembro de 1968, em Portugal, na cidade de Lisboa. Neste dia, conforme o relato primoroso de José Castello em seu livro “O poeta da paixão”, Vinicius de Moraes se preparava para mais um dos muitos shows de sua carreira. A diferença, histórica e afetiva, é que exatamente neste dia a ditadura militar brasileira instituía o ápice da escala totalitária dos militares: o Ato institucional número 5, o AI5. Vinicius estava já no palco quando recebe a notícia. Sem nada esperar, como quem pensa ou suspira em alto e bom tom, o poeta comunica a sua tristeza ao público, para logo em seguida ler um

poema de sua autoria. Um poema que escrevera em 1949 (quase 20 anos antes), e que se manteve inédito até que o poeta João Cabral de Melo Neto teve a iniciativa de imprimir cinquenta exemplares em sua prensa pessoal na cidade de Barcelona. A leitura do poema chamado “Pátria Minha – O Livro Inconsútil” caracterizou / registrou o descontentamento de Vinícius em relação à ditadura:

A minha pátria é como se não fosse, é íntima  
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo  
É minha pátria. Por isso, no exílio  
Assistindo dormir meu filho  
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria direi:  
Não sei. De fato, não sei  
Como, por que e quando a minha pátria  
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água  
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa  
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria  
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...  
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias  
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos  
E sem meias pátria minha  
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho  
Pátria, eu semente que nasci do vento  
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço  
Em contato com a dor do tempo, eu elemento  
De ligação entre a ação o pensamento  
Eu fio invisível no espaço de todo adeus  
Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido  
De flor; tenho-te como um amor morrido  
A quem se jurou; tenho-te como uma fé  
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto a jeito  
Nesta sala estrangeira com lareira  
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra  
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra  
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu  
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz  
À espera de ver surgir a Cruz do Sul  
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha  
Amada, idolatrada, salve, salve!  
Que mais doce esperança acorrentada  
O não poder dizer-te: aguarda...  
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para  
Rever-te me esqueci de tudo  
Fui cego, estropiado, surdo, mudo  
Vi minha humilde morte cara a cara  
Rasguei poemas, mulheres, horizontes  
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta  
Lábaro não; a minha pátria é desolação  
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta  
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular  
Que bebe nuvem, come terra  
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem  
Uma quentura, um querer bem, um bem  
Um libertas quae sera tamem  
Que um dia traduzi num exame escrito:

"Liberta que serás também"

E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa  
Que brinca em teus cabelos e te alisa  
Pátria minha, e perfuma o teu chão...  
Que vontade de adormecer-me  
Entre teus doces montes, pátria minha  
Atento à fome em tuas entranhas  
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha  
Teu nome é pátria amada, é patriazinha  
Não rima com mãe gentil  
Vives em mim como uma filha, que és  
Uma ilha de ternura: a Ilha  
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia  
E pedirei que peça ao rouxinol do dia  
Que peça ao sabiá  
Para levar-te presto este avigrama:  
Pátria minha, saudades de quem te ama...\*

Após o show, o poeta se vê cercado por salazaristas, totalmente revoltados com o seu discurso/leitura de amor à pátria e discordância à ditadura. As vaias e as palavras de ordem eram muitas. A agressividade e a raiva contra ele preponderavam. Por causa delas, o poeta foi aconselhado a usar a porta dos fundos do teatro. Ele recusa, sem recuar. Sai pela porta principal, frente a frente com os manifestantes raivosos e hostis. O que ele faz? O poeta novamente abre a boca para fazer valer a sua voz, para recitar o trecho de um outro poema seu. Desta vez um fragmento do *Poética*, escrito por ele em 1950, quando estava em Nova York, e que veio a ser publicado no Rio de Janeiro em 1954:

De manhã escureço  
De dia tardo  
De tarde anoiteço  
De noite ardo.

A oeste a morte  
Contra quem vivo  
Do sul cativo  
O este é meu norte.

Outros que contem  
Passo por passo:  
Eu morro ontem

Nasço amanhã  
Ando onde há espaço:  
— Meu tempo é quando.

Quando o poeta estava na metade da leitura do *Poética*, uma outra voz se ergue da multidão, fazendo coro com a sua. O sotaque não permite o engano: trata-se da voz de um estudante brasileiro que estava junto aos salazaristas, a repetir o poema com ele. Aos poucos a força dos versos de Vinícius cala os revoltosos. Até que, enfim, só se ouve o Poeta e o seu Poema.

Foi assim que, no dia 16 de novembro de 1968, na cidade de Lisboa, o poeta Vinicius de Moraes sustentou a sua palavra num ato de amor pela pátria. Ou talvez o inverso: ele sustentou a sua pátria num ato amor à palavra.

Seja como for, essa também é a história de como um rapaz salazarista retira o próprio casaco e o coloca no chão, para que este servisse de tapete para Vinicius passar.

Passo por passo, como é dito no poema. Em seguida outros o imitam, um por um, até que o grupo furioso se desfaz e o poeta sai dali de cabeça erguida, numa passarela de casacos.

Esse relato comove porque diz respeito a um ato que abre passagem; uma passagem para que algo do terror seja encoberto para e pelo amor.



Afinal, também aprendemos com Lacan que somente o amor é capaz de fazer o gozo aceder ao desejo. Quando a barra no Outro se coloca, sem garantias ou promessas, o fio do amor faz a ligação necessária para que um espaço se faça. Um espaço para o ser falante nascer, finito e desprovido de ilusões. Tal como no trecho abaixo que recortamos do mesmo poema acima, o *Poética*:

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho  
Pátria, eu semente que nasci do vento  
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço  
Em contato com a dor do tempo, eu elemento  
De ligação entre a ação o pensamento  
Eu fio invisível no espaço de todo adeus  
Eu, o sem Deus!

Pois ainda que o amor seja um signo, Lacan circunscreve, no seminário 20, que o amor de que se trata é signo de uma mudança discursiva. E ele pouco a pouco vai delineando uma modalidade de amor que não é alienante e que tampouco escraviza. Nem aterroriza. Amor que está num mais além do narcisismo, capaz de romper e esvaziar as identificações imaginárias. Um puro amor, porque é pura potência criativa, inovadora, que nos “constrange a decidir uma nova maneira de ser”, como bem estabelece Alain Badiou ao se referir ao que é da ordem de um acontecimento (Badiou, 1993, p. 38).

Logo, o gozo do Outro não é, em absoluto, um signo do amor. Ao contrário, o que é signo de amor é a torção que aí se produz, no lugar onde tal gozo é vislumbrado e entrevisto. O que devo fazer, ou posso saber e esperar? Talvez caiba aqui uma outra questão: como produzir uma torção discursiva na espera, por via de um estilo e de uma certa inventividade?

Embora não haja uma resposta definitiva, finalizo o texto de agora indicando o ato recomendado por Juan Gelman no seu poema *Confianças*:

Senta à mesa e escreve  
“com este poema não tomarás o poder”, dizem  
“com estes versos não farás a revolução”, dizem  
“nem com milhares de versos farás a revolução”, dizem  
E mais: esses versos não hão de servi-lo para  
que peões, professores, lenhadores vivam melhor  
Ou para que ele mesmo coma, viva melhor  
Nem para apaixonar a outros servirão  
Não ganhará dinheiro com eles  
Não entrará no cinema grátis com eles  
Não lhe darão roupa por eles  
Não conseguirá tabaco ou vinho por eles  
Nem papagaios, nem cachecóis, nem barcos  
nem touros nem guarda-chuvas conseguirá por eles  
Se for por eles a chuva o molhará  
Não alcançará perdão ou graça por eles  
“com este poema não tomarás o poder”, dizem  
“com estes versos não farás a revolução”, dizem  
“nem com milhares de versos farás a revolução”, dizem  
Senta à mesa e escreve

Juan Gelman

\* Texto extraído do livro de José Castello "Vinicius de Moraes - Poesia Completa e Prosa",  
Editora Nova Aguilar - Rio de Janeiro, 1998, pág. 383.

Luciana Brandão Carreira. Poeta, psicanalista e psiquiatra, doutora em Psicanálise pela UERJ. Pós-doutoranda do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição na Universidade Nova de Lisboa. Pesquisadora da rede internacional de pesquisa Escritas da Experiência. Professora da UEPA e Cesupa. Autora dos livros 'Entre' (Verve, 2014) e 'Os tempos da escrita na obra de Clarice Lispector – no litoral entre a literatura e a psicanálise' (Cia de Freud, 2014). Componente no núcleo editorial da Revista Polichinello. Contato: [lucianabrandaocarreira@gmail.com](mailto:lucianabrandaocarreira@gmail.com)